O Lugar da Psicopatologia na Gestalt-Terapia: Desafios e Possibilidades Contemporâneas

José Waldo Saraiva Neto
Islay Ianne Ponte Parente
Georges Daniel Janja Bloc Boris

O campo da psicopatologia tem ocupado lugar central na compreensão do sofrimento humano na contemporaneidade. O aumento de diagnósticos em saúde mental, acompanhado pela revisão crítica de modelos tradicionais de tratamento, tem reativado debates acerca das formas pelas quais o adoecimento é compreendido e manejado na clínica contemporânea. Nesse contexto, também emergem questionamentos sobre os limites de leituras exclusivamente classificatórias e sobre os riscos da medicalização da existência. Tais discussões convocam o dilema entre normal e patológico e convidam a Gestalt-Terapia a refletir sobre quais referenciais orientam e fundamentam sua prática clínica, considerando a complexidade do ser humano. Diante desse cenário, torna-se pertinente interrogar de que modo a Gestalt-Terapia tem pensado o campo da psicopatologia na clínica contemporânea. A Gestalt-Terapia, ao se fundamentar em uma perspectiva fenomenológica e relacional, historicamente apresenta uma postura crítica em relação a modelos diagnósticos rigidamente normativos, privilegiando os processos de contato e as formas de organização da experiência no campo organismo-ambiente. No entanto, ao privilegiar uma leitura eminentemente clínica dos modos de funcionamento e considerando que seus autores iniciais se centraram principalmente nas discussões acerca da neurose, questiona-se, na contemporaneidade, se essa abordagem desenvolve uma leitura própria da psicopatologia. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo refletir sobre o lugar da psicopatologia na Gestalt-Terapia, discutindo como a abordagem sustenta uma perspectiva diagnóstica de caráter processual, centrada nos modos de funcionamento do sujeito e em suas possibilidades de ajustamento criativo no campo relacional. Trata-se de um estudo de natureza teórico-reflexiva, desenvolvido a partir da articulação de conceitos clássicos da Gestalt-Terapia com discussões contemporâneas acerca do diagnóstico em psicoterapia. O cenário da psicopatologia na Gestalt-Terapia assume caráter plural, sendo pensado a partir de diversos campos epistemológicos. Nesse sentido, destaca-se o diálogo com a Psicopatologia Geral, a partir do qual se propõe uma releitura do Manual Diagnóstico Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM), fundamentada em conceitos da Gestalt-Terapia, bem como uma ampla e consistente articulação com a Psicopatologia Fenomenológica, que tem sido denominada como Psicopatologia Fenomenológico-Gestáltica. No entanto, é importante considerar como tais campos podem contrastar com as fundamentações de base da própria Gestalt-Terapia, sendo fundamental retomar a leitura diagnóstica dos fundamentos dessa abordagem. Nesse sentido, é proposta uma leitura de maior amplitude do sofrimento humano, para além de entidades diagnósticas que possam reduzi-lo a uma listagem de sintomas. Na perspectiva gestáltica, o sintoma deixa de ser compreendido exclusivamente como algo a ser eliminado, passando a ser entendido como expressão de uma tentativa de organização do sujeito diante das demandas do campo. Nessa direção, o sofrimento pode ser concebido a partir dos modos pelos quais o organismo estabelece contato com o ambiente, especialmente quando determinadas formas de funcionamento se tornam rígidas ou limitam a criatividade na relação com o mundo. A abordagem amplia a noção de psicopatologia, em direção a uma perspectiva do sofrimento humano, ao reconhecer que os ajustamentos não podem ser compreendidos apenas como produções individuais, mas como funções que emergem no entrelaçamento das relações e das condições do campo. Logo, a compreensão clínica, nesse contexto, desloca o

foco da identificação de sintomas isolados para a análise dos modos de funcionamento do sujeito no campo relacional. Tal perspectiva aproxima a Gestalt-Terapia de uma concepção diagnóstica processual e funcional, na qual o diagnóstico não se limita à categorização de quadros psicopatológicos, mas busca compreender como determinadas formas de organização da experiência se constituem e se mantêm na relação organismo-ambiente. Nesse sentido, o resgate da Teoria do Self tem se mostrado um caminho virtuoso, ao pensar a vulnerabilidade humana em seu caráter processual na relação organismo-ambiente, assumindo um enfoque fenomenológico da experiência. Conclui-se que a Gestalt-Terapia, cada vez mais, desenvolve uma rica leitura própria da psicopatologia, ou seja, focada no sofrimento humano, propondo uma compreensão que privilegia processos, relações e contextos. Portanto, é fundamental fortalecer a prática diagnóstica processual e manter uma postura crítica frente à normatividade. Assim, a Gestalt-Terapia sustenta uma escuta que reconhece a singularidade da experiência humana e preserva o potencial criativo dos processos de transformação.

Palavras-Chave: Compreensão diagnóstica; Gestalt-Terapia; Psicopatologia.

Referências

Belmino, M. C. de B. (2020). *Gestalt-terapia e experiência de campo*. Paco Editorial.
Frazão, L. M. (2015). Compreensão clínica em Gestalt-terapia: Pensamento diagnóstico processual e ajustamentos funcionais e disfuncionais. In L. M. Frazão & K. O. Fukumitsu (Orgs.), *A clínica, a relação psicoterapêutica e o manejo em Gestalt-terapia* (pp. 83–102). Summus.
Perls, F. S., Hefferline, R. F., & Goodman, P. (1997). *Gestalt-terapia* (3ª ed., F. R. Ribeiro, Trad.). Summus.